



CALIBURN

EX-CA-LI-BUR

Quatro sílabas como as quatro letras da Palavra Sagrada? Talvez!

Uma das mais famosas espadas místicas do Ocidente que, associada ao Graal, constituem o par de símbolos mais importantes da tradição Arturiana e foram o motor espiritual da Cavalaria medieval europeia.

EXCALIBUR ou CALIBURN tornar-se-ia um símbolo mágico, com uma “alma própria” como as das famosas outras espadas da cavaleiros famosos das sagas medievais, cantadas nas canções de gesta: Rolando, Olivier, Carlos Magno, Turpin, etc... Daí o terem nomes próprios como Joyeuse (Jubilosa), Durandal, Hauteclaire (Alta Claridade), Corte, Bautreine...

Mas na Tradição primordial – oriental e ocidental – nem todas as espadas eram vistas como “boas”. Dependia muito de quem as havia forjado e dos espíritos invocados pelo armeiro para as animar, segundo nos conta George Guimarães um iniciado na arte do sabre (IAIDO), essa fabulosa arte japonesa que ele chamava “arte de enfrentar o desconhecido” que outros no Japão chamavam “arte de cortar o ego”.

Ouçamos as palavras do seu mestre Mitsui Yoshimatsu quando este lhe entregou o seu sabre:

“Daqui em diante esta será a sua espada. Limpe-a sempre e evite tocar a sua lâmina com as mãos; jamais passe por cima dela quando estiver no chão; sempre a reverencie ao pegá-la e guardá-la e nunca deixe que seja tocada por curiosos. Lembre-se: agora essa arma será o seu coração; dedique-se a ela, como aquela que salvou o seu dono no incêndio da floresta. A sua também o ajudará revelando-lhe uma porção de verdades”.

.....
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE
A IGREJA DE MELQUISEDEC

Há uma antiga tradição que afirma a existência, no mundo, de uma **igreja secreta**, que torna a ligar (religo, religare, religione ou religião) o homem a Deus, sem necessidade de sacerdócio nem outro qualquer intermediário. Todo ser iluminado, directamente ou por iniciação, desde que esteja na posse de certos mistérios, faz parte do **Culto**, que tem o nome velado de **Igreja de Melquisedec**. Tal culto sempre existiu, por ser o da mais preciosa de todas as **religiões**, ou seja: a da **Fraternidade Universal da Humanidade**.

A sua origem procede dos meados da 3ª raça mãe, pouco importa seu nome naquela época, se com o decorrer dos tempos, recebe o de **Sudha-Dharma-Mandalam**, na antiga Aryavarta – nossa Mãe-Índia – mas, para todos os efeitos, **Excelsa Fraternidade**, quer na razão da sua própria existência – por ser composta dos verdadeiros Guias ou Instrutores espirituais da Humanidade – quer pela sua vitória sobre o que se concebe como Mal, na Terra, se ao lado do Planetário (a Força Cósmica... dirigente do nosso Globo) em forma humana, aparte opiniões contrárias – após a tremenda queda que teve lugar na decadência atlante... de que tanto nos temos ocupado, embora que, de modo velado – tiveram os seus primeiros componentes, de combater contra as referidas “forças do mal”, sem falar na sua própria transformação de Homens vulgares, em semi-deuses.

Por isso que, tal Fraternidade ou “Culto Universal” – que a bem dizer é o do **Amor**, da **Verdade** e da **Justiça** entre todos os seres da Terra – se compõe de 7 linhas, cada uma delas com o respectivo raio, na razão dos próprios Astros ou Planetas. Onde, seus Chefes, Reis ou Guias, Seres tão elevados, que bem se podem comparar aos mesmos **Dhyan Chohans** ou “Espíritos Planetários”. Na Índia, o termo **Maha Chohan** é dado aos mais elevados entre tais Seres, enquanto outrora, no Egipto recebiam o nome de **Ptahmer**. São os mesmos “Goros do Rei do Mundo”, nas escrituras transhimalaias.

Henrique José de Sousa
in “Cagliostro e São Germano”, Dhâranâ nº 110 de 1941

Senhor, que és o céu e a terra, que és a vida e a morte! O Sol és tu e a Lua és tu e o vento és tu! Tu és os nossos corpos e as nossas almas e o nosso amor és tu também. Onde nada está tu habitas e onde tudo está – (o teu templo) – eis o teu corpo.

Dá-me alma para te servir e alma para te amar. Dá-me vista para te ver sempre no céu e na terra, ouvidos para te ouvir no vento e no mar, e mãos para trabalhar em teu nome.

Torna-me puro como a água e alto como o céu. Que não haja lama nas estradas dos meus pensamentos nem folhas mortas nas lagoas dos meus propósitos. Faze com que eu saiba amar os outros como irmãos e servir-te como a um pai.

Minha vida seja digna da tua presença. Meu corpo seja digno da terra, tua cama. Minha alma possa aparecer diante de ti como um filho que volta ao lar.

Torna-me grande como o Sol, para que eu te possa adorar em mim; e torna-me puro como a Lua, para que eu te possa rezar em mim; e torna-me claro como o dia para que eu te possa ver sempre em mim e rezar-te e adorar-te.

Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-me que eu me sinta teu. Senhor, livra-me de mim.

Fernando Pessoa

ASTROLOGIA E KARMA

Um dos aspectos mais aliantes da ciência astrológica prende-se com a possibilidade de, através da análise de um horóscopo, descortinar não só as características das encarnações passadas mas, também, as possíveis implicações kármicas e o modo como irão condicionar as encarnações futuras.

Em primeiro lugar será, talvez, conveniente tecer breves considerações sobre o karma. Este termo, de origem hindu, designa a Lei da Acção e Reacção. Entendida, até há bem pouco tempo, de forma desajustada, ela não é mais do que o modo pelo qual todo o universo conhecido se ajusta às transformações dinâmicas pelas quais os seres devem passar. Karma não deve, pois, ser entendido como exclusivamente aplicável aos seres humanos ou num sentido unicamente punitivo. Nesta perspectiva os seres humanos geravam karma devido às suas atitudes negativas, cujo reflexo mais imediato seria uma eventual punição, ou castigo, numa qualquer vida futura.

Nada de mais errado. A única realidade consiste na manifestação dinâmica das Leis Universais. Neste sentido a Lei do Karma manifesta-se na natureza inteira, através de todos os seres, estados de consciência e planos da natureza. É uma energia em acção e, por isso, não pode ser confundida com algo que mais não seria do que a reinvenção do inferno bíblico.

A Lei da Acção e da Reacção prevê que, uma acção exercida sobre algo, suscita da parte deste uma reacção de sentido oposto e intensidade igual à da acção. Ora tem sido o termo “sentido oposto” que tem conduzido à confusão. “Oposto” deve ser entendido no sentido de repor o equilíbrio anterior. E se o equilíbrio anterior foi alterado por uma morte, porque não restaurar o estado primordial dando origem à vida? Por que motivo um assassino não poderá ser, numa vida futura, um excelente médico que, com o seu labor, ajuda a vir ao mundo centenas de crianças, dando-lhes a vida? Não será esta uma forma bem mais bonita de olhar para a Lei do Karma?

QUESTÕES EUBIÓTICAS

Vários membros da Comunidade têm colocado ao Colégio de Estudos algumas interrogações cuja resposta entendemos por bem trazer ao conhecimento de todos.

Uma das questões, colocadas com mais frequência, respeita à distinção entre os diferentes níveis de estruturação dos mundos subterrâneos. Em primeiro lugar, convém sublinhar que a distinção operada apenas tem como objectivo uma compreensão esquemática e funcional da realidade. Não deve, por isso, ser tomada literalmente, mas antes fornecer material adequado para reflexão e posterior enquadramento.

Quando, por questões de compreensão mais imediata, se dividem os mundos subterrâneos em três (ou quatro) níveis, não pretendemos com isso dizer que eles se estratificam, do ponto de vista geológico, segundo várias camadas, com determinada profundidade, constante e invariável. Quando nos referimos a níveis, neste domínio, referimo-nos mais a níveis de consciência, a estados de compreensão das realidades espirituais, a níveis mais

ou menos aprofundados de comunhão com o divino.

Duat é uma região subterrânea compreendida entre a superfície e Agartha. Nessa região, que se estende por todo o globo terrestre, se localizam as consciências que atingiram um determinado estado de evolução espiritual. É verdade que existem seres físicos que habitam essa região – onde estão sediadas muitas das cidades subterrâneas, com suas enormes bibliotecas e templos – mas também não deixa de ser verdade que esses seres possuem desenvolvidas certas capacidades que lhes permitem “ver” noutras dimensões supra-físicas e, assim, privar de perto com outras consciências situadas noutros planos.

Os níveis dos mundos subterrâneos não devem ser entendidos de forma estratificada mas, sim, como níveis de consciência. Melhor seria apelidá-los de regiões. Essas regiões não possuem fronteiras rígidas nem estanques. Os seus limites parecem, assim, interpenetrar-se de acordo com uma dinâmica muito própria, cujos contornos nos compete a nós, discípulos eubiotas, compreender e solucionar.